

# A situação da Europa O estado financeiro da França\*

Karl Marx

*Londres, 10 de julho de 1857*

A sonolenta estagnação que, desde a conclusão da guerra Oriental<sup>1</sup>, caracteriza a fisionomia da Europa, está rapidamente dando lugar a um aspecto novo e febril. Aí está a Grã-Bretanha, com seu movimento de reforma apontando no futuro e suas dificuldades na Índia. *The London Times*, é verdade, diz para o mundo que, com exceção daqueles que têm amigos na Índia:

O público britânico, como um todo, espera a chegada de novas notícias da Índia com o mesmo interesse que teríamos no atraso de um vapor australiano ou no resultado de um levante em Madrid.<sup>2</sup>

Nesse dia, entretanto, o mesmo *Times*, em seu artigo econômico, deixa cair a máscara da indiferença orgulhosa e trai os sentimentos reais de John Bull da seguinte maneira:

uma contínua depressão como a que prevalece agora no mercado de capitais em face do ininterrupto aumento nas reservas de metal dos bancos e da expectativa de uma grande safra, é quase inédita. A ansiedade com relação à Índia subordina todas as outras considerações, e se qualquer notícia séria chegasse amanhã, provavelmente causaria um pânico<sup>3</sup>.

Especular acerca do curso dos acontecimentos na Índia seria sem sentido precisamente agora, quando cada correspondência pode trazer notícias autênticas. Mas é evidente que, no caso de uma explosão revolucionária séria sobre o continente europeu, a Inglaterra, esvaziada de seus homens e barcos devido à Guerra Chinesa e às revoltas da Índia, se mostraria incapaz de reassumir a posição orgulhosa que ocupava em 1848 e 1849. De outro lado, ela não pode dar-se ao luxo do distanciamento, uma vez que a guerra Oriental e a aliança com Napoleão vêm ultimamente acorrentando-a

---

\* Originalmente "State of Europe – Finance state of France". Título dado de acordo com o caderno de notas de Karl Marx, de 1857. Tradução de Paulo Barsotti e revisão de Célia Motta.

<sup>1</sup> Guerra da Crimeia. (N. Ed.)

<sup>2</sup> *The London Times*, nº 22728, 09/07/1857 – artigo principal. (N. Ed.)

<sup>3</sup> *The London Times*, nº 22728, 09/07/1857. "Money Market and City Intelligence". (N. Ed.)

à política continental, ao mesmo tempo que a completa dissolução de seus partidos políticos tradicionais e o crescente antagonismo entre suas classes produtivas expõem sua estrutura social, mais que nunca, a distúrbios espasmódicos. Em 1848-49, enquanto seu poder oprimia como um pesadelo a revolução europeia, a Inglaterra estava, no início, diante dela um pouco temerosa, então divertiu seu próprio tédio nativo com seu espetáculo, em seguida traiu-a um pouco, depois flertou um pouco com ela, e por fim resolveu seriamente dela tirar proveito. Suas fortunas industriais, até que duramente abaladas pelo desastre comercial de 1846-47, pode-se dizer que, em alguma medida, foram refeitas pela atividade da Revolução de 1848. Entretanto, a revolução continental não será para a Inglaterra nem um espetáculo para diversão, nem uma desgraça a ser objeto de especulação, mas um severo teste pelo qual deverá passar.

Atravessando o Canal Inglês, encontramos a superfície da sociedade já se erguendo e agitando-se com o movimento do furor subterrâneo. As eleições de Paris<sup>4</sup> são até menos um presságio do que um real início de uma nova revolução. Isto está claramente em harmonia com o passado histórico da França, que Cavaignac deveria dar cor e nome ao esforço contra Bonaparte, da mesma forma que Odilon Barrot o fez contra Louis Philippe. Cavaignac, como Odilon Barrot, é apenas um pretexto da parte do povo, embora ambos representem sérios projetos da parte das classes médias. O nome sob o qual uma revolução é conduzida nunca é aquele exibido na bandeira no dia do triunfo. Na sociedade moderna, para alcançar algum sucesso, os movimentos revolucionários devem, no início, tomar emprestado suas cores daqueles elementos do povo que, embora opostos ao governo existente, estão claramente em harmonia com a sociedade existente. Em uma palavra, as revoluções devem receber seus ingressos de entrada na cena oficial das próprias classes dominantes.

As eleições de Paris, as detenções de Paris e os processos de Paris podem ser lidos verdadeiramente apenas considerando o estado da Bolsa de Paris, cujos distúrbios precederam a agitação eleitoral e a ela sobreviveram. Mesmo durante os últimos três meses de 1856, quando toda Europa estava trabalhando sob uma crise financeira, a Bolsa de Paris não testemunhou tal depreciação contínua e estupenda de todos os títulos como ocorreu durante todo o último mês de junho e o início de julho. Além disso, não era agora um processo de declínio e crescimento por baixas e altas, mas tudo veio abaixo num caminho claramente metódico, seguindo as leis ordinárias de queda somente no mergulho final precipitado. As ações do *Crédit Mobilier* que, no início de junho, alcançavam cerca de 1.300 francos, caíram para 1.162 no dia 26; 1.095 em 03 de julho; 975 no dia 04; 850 no dia 07. As ações do Banco da França cotadas no início de junho acima de 4.000 francos, tinham caído, apesar dos novos monopólios

---

<sup>4</sup> Numa referência às eleições do *Corps Législatif* no verão de 1857. A despeito das medidas policiais tomadas pelo governo para assegurar o sucesso dos candidatos oficiais, a oposição anti-bonapartista auxiliada pelos trabalhadores conseguiu pela primeira vez na história do II Império, eleger cinco de seus representantes para a Câmara.

e privilégios atribuídos ao banco, para 3.065 francos no dia 29 de junho; 2.890 no dia 03 de julho, e, no dia 09 de julho, não mais que 2.900 francos. Os 3% de *rentes*, as ações das principais ferrovias, tais como da Northern, de Lyon, do Mediterrâneo, das linhas da Grand Fusion e todas as outras ações de sociedades anônimas, partilharam proporcionalmente este longo movimento de queda.

A nova Lei Bancária<sup>5</sup>, enquanto expôs a situação desesperada do tesouro público bonapartista, ao mesmo tempo abalou a confiança pública na própria administração do Banco. O último relatório do *Crédit Mobilier*, enquanto revela o vazio orgânico daquela instituição e a vastidão dos interesses nela envolvidos, informava ao público que havia uma luta entre os diretores e o Imperador, e que algum coup d'état<sup>6</sup> financeiro era pretendido. De fato, para cumprir suas obrigações mais prementes, o *Crédit Mobilier* tem sido forçado a lançar no mercado cerca de vinte milhões de títulos sem garantias. Ao mesmo tempo, a fim de pagar seus dividendos e conseguir os meios para dar continuidade ou iniciar as obras comprometidas, as ferrovias e outras sociedades anônimas tiveram também que vender títulos para atrair novos depósitos para suas velhas ações, ou para obter capital emitindo outras novas ações. Consequentemente, a prolongada agitação do mercado de capitais francês, longe de ser o resultado de circunstâncias meramente incidentais, tornará a ocorrer de forma mais agravada a cada período de acerto.

As características alarmantes da presente enfermidade podem ser inferidas do fato de que Emile Pereire, o grande charlatão financeiro do Segundo Império, deu um passo adiante e ofereceu um relatório para Louis Napoleón, utilizando em seu texto as palavras pronunciadas pelo último, em 1850, num discurso para o Conselho Geral da Agricultura e Comércio:

Credulidade, não podemos esquecer, é a parte moral dos interesses materiais – o espírito que anima o corpo – ela aumenta dez vezes mais pela crença no valor de toda produção.<sup>7</sup>

O Sr. Pereire então prossegue explicando numa forma já familiar aos nossos leitores a redução de 980 milhões de francos nos valores do país nos últimos cinco meses. Ele resume suas lamentações com estas palavras fatais:

“O orçamento do medo quase se equipara ao orçamento da França”. Se, como o Sr. Pereire afirma, além dos 200 milhões de francos que a França tem que pagar em impostos para manter o império, ela tem que pagar muito mais pelo medo de perdê-lo, os dias desta custosa instituição, adotada com a exclusiva perspectiva de salvar o dinheiro, estão contados. Se os distúrbios financeiros do império têm atraído

---

<sup>5</sup> Ver neste dossiê.

<sup>6</sup> Em francês no original.

<sup>7</sup> Discurso de Napoleão II na sessão de abertura do Conselho Geral de Agricultura, Comércio e Indústria de 07/04/1850. (N. Ed.)

suas dificuldades políticas, as últimas, por seu turno, certamente reagiram sobre a primeira. É deste estado de coisas do império francês que as recentes insurreições na Espanha e Itália<sup>8</sup>, bem como as pendentes complicações escandinavas, recebem sua verdadeira importância.

---

<sup>8</sup> Marx refere-se aqui à Revolução na Espanha em 1856 e aos eventos da Itália em 1857. No final de junho de 1857, Mazzini, que chegou secretamente em Gênova, e outros defensores da ação revolucionária tentaram iniciar uma insurreição na Itália visando libertar e unir o país. Um destacamento de revolucionários conduzido por Pisarane tomou um navio que ia de Turim a Gênova e aportou no Reino de Nápoles. Tentativas foram também feitas para iniciar levantes em Leghorn e Gênova, mas assim como a expedição para o sul, também fracassaram.